

O EPISÓDIO DA RENDIÇÃO

Episódio final da restauração de Pernambuco tem sido até agora mal compreendido. Varnhagen chega a propor "para cerimônia da entrega das chaves" do Recife pelo Tenente-General Segismundo von Schkoppe ao Mestre-de-Campo General Francisco Barreto, um "quadro por certo digno de immortalizar o futuro o pincel de algum artista brasileiro, como o da rendição de Breda, a Spinola, immortalizou a Velasquez". Entretanto quadro seria, se obedecida a sugestão do historiador paulista, um erro histórico. Porque o que o depoimento dos contemporâneos informam, é que não houve a tal cerimônia.

No dia 26 de janeiro de 1654, às 11 horas da noite, conclui-se a capitulação, com a remessa dos documentos assinados pelos chefes holandeses do Recife aos parlamentares reunidos na Campina do Taborda. No dia seguinte, 27, Francisco Barreto mandou o exército ocupar o Recife, Maurícia e todas as fortalezas o que se fez do modo seguinte:

João Fernandes Vieira a quem coube nesse dia a vanguarda, marchou a rente de seu Terço, entrou e ocupou a Fortaleza das Cinco Pontas com duas companhias e uma tropa de Henrique Dias; concluída a entrega das armas pelos vencidos, Vieira atravessou com os seus soldados a zona situada entre a Fortaleza e o recinto fortificado da cidade Maurícia e, transpondo a porta da cidade, marchou para o bairro do Recife, até a rua do Bom Jesus. Ao mesmo tempo fez ocupar no mesmo bairro as ruas, estacadas, plataformas e baterias que os holandeses iam entregando, após o que marcharam em direção ao arco, depois chamado do Bom Jesus, onde foram encostando as armas. Junto ao arco recebeu Vieira da mão dos holandeses as chaves de todos os armazéns de armas, munições e abastecimentos que o inimigo tinha; eram essas chaves em número de 73, segundo menciona Diogo Lopes Santiago.

André Vidal de Negreiros, por sua vez, marchou em direção ao bairro da Boa Vista para, por esta via, entrar na cidade Maurícia pela então chamada ponte da Boa Vista; mas não achando entrada por esse lado, regressou e entrou em Maurícia pelo atual bairro de São José. André Vidal foi, segundo Santiago, quem primeiro entrou na capital holandesa propriamente dita e logo foi guarnecendo com a sua infantaria todos os fortes e baterias, entrando por último no Forte Ernesto, que os holandeses tinham levantado, aproveitando-se do Convento de São Francisco. O terceiro Mestre-de-Campo, Francisco de Figueiroa, também marchou pela Boa Vista até Santo Amaro e, atravessando o Rio Beberibe a vau, alcançou o istmo do Recife e ocupou as fortalezas do Buraco, do Brum, o Forte de São Jorge e o Forte do Picão.

Desarmados assim os soldados holandeses e ocupada toda a área do istmo, do bairro do Recife e de Maurícia (que corresponde, na sua maior parte, ao bairro de Santo Antônio), refere uma testemunha da época que "os soldados e moradores holandeses se misturaram com os nossos portugueses, com uma familiaridade como se nunca entre eles houvera havido guerra, pela boa ordem que sobre isso deu o Mestre-de-Campo General Francisco Barreto, debaixo de um bando com gravíssima pena a quem fizesse agravo a morador ou soldado dos rendidos".

Outro documento conta que "ficaram todas as ruas com a nossa infantaria toda aquela noite até o outro dia à tarde, sem nenhuma companhia, oficial ou soldado mudar de postos, assistindo sempre pelas ruas sem outro alojamento, do que se deixa ver quão habituada estava ao trabalho, pois sobre o que padeceu nas noites antecedentes, não tomou descanso enquanto não chegou e entrou na praça o seu Mestre-de-Campo General", o que só se verificou no dia seguinte.

Nesse dia, 28 de janeiro, entrou na cidade o Mestre-de-Campo General "festejado do exército com grande mosquetaria e dos fortes rendidos com a artilharia". Pelos depoimentos de contemporâneos portugueses e holandeses fica-se sabendo que Francisco Barreto chegou às portas da cidade Maurícia por volta das 4 horas da tarde, acompanhado de cerca de 70 pessoas a cavalo e aí foi recebido a pé pelo Tenente-General Schkoppe e pelo governo civil holandês. Barreto desmontou e "desprezando os favores da fortuna", teve grandes cortesias para com os rendidos, que o acompanharam até a casa onde se hospedou, que era a da sede do governo flamengo, no bairro do Recife. Aí é que Francisco Barreto recebeu das mãos de João Fernandes Vieira as 73 chaves que lhe haviam sido entregues pelos holandeses nas proximidades do Arco do Bom Jesus.

O local exato em que se verificou o encontro de Barreto com os chefes militares e civis holandeses é impossível fixar com absoluta precisão. Entretanto é fácil indicar a área em que ocorreu, com a segurança que os documentos permitem. Segundo eles aconteceu "ao entrar da cidade Maurícia", ou "às portas da cidade Maurícia". Nas estacadas da cidade Maurícia que se defrontavam com a fortaleza das Cinco Pontas há menção apenas a uma porta: a porta Sul (como a chamavam os holandeses) ou a porta de Santo Antônio (como a denominavam os luso-brasileiros).

Segundo Pereira da Costa, a porta da cidade Maurícia ou porta Sul "estava situada no bairro de São José, pouco distante da Fortaleza das Cinco Pontas, e constituía o único ponto de comunicação com a cidade Maurícia, porquanto todo o seu recinto achava-se defendido por uma linha de fortificação que partia daquela fortaleza e ia terminar no Forte Ernesto". A porta, segundo ele, "estava situada no lugar, pouco mais ou menos, em que se acha hoje a rua do Jardim".

Pereira da Costa, porém, enganou-se na localização da porta Sul. Em documento holandês ("Notula Diária", de 8 de janeiro de 1652) consta que se tendo arruinado a porta, fora ela reconstruída: mandou-se fazer "uma nova porta de pedra". Que ela foi realmente reconstruída de pedra, verifica-se do *Inventário dos prédios edificadas ou reparados até 1654*, onde é chamada de Porta de Santo Antônio. A sua localização está perfeitamente indicada no *Inventário*: "§302. Na porta de Santo Antônio está a porta de serventia que vem dos Afogados... com as portas fabricadas por flamengos de tijolo e pedra". E, em seguida, "§303-304. Duas moradas de casas de sobrado fabricadas por flamengos, com as suas lojas, ao entrar da dita porta. Estas casas são colégio dos Padres da Companhia de Jesus" e "§305. E por detrás das ditas casas está a Igreja dos Franceses, que foi fabricada à ordem dos flamengos". Situava-se pois a Porta Sul nas proximidades do Colégio dos Jesuítas (local em que hoje se levanta o Grande Hotel), por detrás do qual estava a Igreja dos Franceses, cuja situação na cidade Maurícia está indicada nos mapas holandeses contemporâneos.

Portanto, parece-nos que o local em que se verificou o encontro de Barreto com os chefes holandeses pode ser apontado" como sendo o da atual Praça 17, ou talvez a rua que divide o edifício do hotel do da sede do Instituto dos Industriários.

Que a Porta Sul ou de Santo Antônio não estava situada na rua do Jardim, do bairro de São José, como quer Pereira da Costa, é possível verificar, ainda, por outros elementos de prova. Na escritura de doação feita em 1656, por Belchior Álvares, de um terreno para a fundação de um hospício no Recife, com a sua igreja, diz-se que o terreno estava "no lugar chamado fora das portas de Santo Antônio", e é com pequena diferença, o em que hoje se levanta a igreja e Convento da Penha. Não estaria "fora" das portas, se estas estivessem nas proximidades da rua

do Jardim, pois aí estaria intramuros. De cartas-patentes verifica-se que em 1675, Manoel da Fonseca Rego foi nomeado capitão da companhia de infantaria da ordenança "da banda de Santo Antônio do Recife até as portas junto ao Colégio". Outra, de 1679, nomeia Salvador Tavares da Fonseca, capitão da companhia de infantaria da ordenança "do distrito da porta de Santo Antônio do Recife até as Cinco Pontas". Uma terceira, de 1687, nomeia Francisco Rebelo de Barros capitão-de-ordenanças "do distrito onde estiveram as portas da povoação de Santo Antônio do Recife até as Cinco Pontas". Uma quarta, de 1700, nomeia Manoel Ferreira da Costa para idêntico posto "da banda de Santo Antônio do Recife até onde foram as portas junto ao Colégio". Uma quinta, de 1706, designa José Peres Campelo Capitão-de-infantaria da ordenança "do distrito que começa onde estiveram as portas de Santo Antônio até as Cinco Pontas". Destas citações evidencia-se que a porta de Santo Antônio se levantava junto ao Colégio dos Jesuítas (Grande Hotel de hoje) e que servira de limite a dois distritos do serviço das companhias de ordenanças: um que ia desde a parte norte do bairro até a porta; outro daí até as Cinco Pontas. Verifica-se ainda que entre 1679 e 1687 a porta deixou de existir, arruinada ou derribada.

Fonte: MELLO, José Antonio Gonsalves de. **Jornal de Letras**. Rio de Janeiro, ano VI, n. 57, mar., 1954.